



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

SELMA TEIXEIRA SOUZA

**INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NAS NARRATIVAS
LITERÁRIAS: A CONSTRUÇÃO SENSÍVEL DE UMA CONSCIÊNCIA DE
INCLUSÃO PELA LEITURA**

São Bernardo – MA
2022

SELMA TEIXEIRA SOUZA

**INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NAS NARRATIVAS
LITERÁRIAS: A CONSTRUÇÃO SENSÍVEL DE UMA CONSCIÊNCIA DE
INCLUSÃO PELA LEITURA**

Trabalho realizado para conclusão do Curso de
Licenciatura em Linguagens e Códigos da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(Campus São Bernardo)

Orientadora Prof.(a) Dr. Kátia França

São Bernardo – MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Souza, Selma Teixeira.

Inclusão da pessoa com deficiência nas narrativas literárias : a construção sensível de uma consciência de inclusão pela leitura / Selma Teixeira Souza. - 2022.
30 f.

Orientador(a): Kátia Cilene Ferreira França.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo-MA, 2022.

1. Deficiência. 2. Inclusão. 3. Narrativas literárias. 4. Sala de aula. 5. Sensibilização. I. França, Kátia Cilene Ferreira. II. Título.

SELMA TEIXEIRA SOUZA

**INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NAS NARRATIVAS
LITERÁRIAS: A CONSTRUÇÃO SENSÍVEL DE UMA CONSCIÊNCIA DE
INCLUSÃO PELA LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Linguagens e Códigos da Universidade
Federal do Maranhão – UFMA, como
requisito para a obtenção do título de
licenciada em Linguagens e
Códigos/Língua Portuguesa.

Aprovada em: ___/ ___/ ___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr. Kátia Cilene Ferreira França
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Campus São Bernardo

Profa. Ma. Maria Claudiane Silva de Souza
Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Norte
SEEDUC/RN

Prof. Dr. Fabrício Tavares de Moraes
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Campus São Bernardo

A Deus, aos amigos e a família.

AGRADECIMENTOS

Um ciclo se encerra e outro inicia.

Agradeço de forma primordial à Deus, por ter sido meu alicerce e não ter deixado eu fraquejar. A minha família por ter me incentivado durante todo o curso e por acreditar que eu seria capaz, obrigada! Família, consegui!

Ao meu marido, Anderson, deixo aqui palavras de gratidão, por todo apoio para vencer essa nova etapa da vida acadêmica.

Agradeço também a Conceição de Maria, que deu incentivo, apoio e ajuda meus sinceros agradecimentos.

Aos meus colegas de classe que fizeram essa trajetória ser mais leve, que dividiram comigo as angústias, nervosismos, frustrações, como também as alegrias, conquistas e descontrações, proporcionando momentos de risos, choros e brincadeiras, tornando a UFMA uma grande família que contribuiu de certa forma para a concretização desse trabalho. De modo especial a Ana Paula e Larice, que conheceram todos os esforços que foram feitos até aqui, foram elas muito mais que colegas de classe, tornaram-se amigas/irmãs para todas as ocasiões, juntas, formamos um trio inseparável, incentivando umas as outras e não deixando desistir, mesmo nos dias que nada dava certo, obrigada meninas, chegamos!

Ao corpo docente, pela paciência que tiveram em exercer seu papel e fazer parte da minha formação, quero aqui nominalmente agradecer: Claudia Moraes, Charlyan Sousa, Maria Francisca da Silva, Marciely Alves e Fabrício Tavares, pela compreensão, contribuição, incentivo, carinho e paciência. Tendo todos minha admiração, obrigada!

A minha orientadora Kátia França, que não tenho palavras para expressar minha gratidão. Obrigada pelos incentivos, pelas oportunidades dadas, pelos conselhos, puxões de orelhas recebidos, pela paciência em orientar e sempre prezar pelo profissionalismo sem deixar de ser humana, pela confiança, e por ter aceitado me conduzir nesse trabalho. Obrigada, obrigada! Consegui!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “Inclusão da pessoa com deficiência nas narrativas literárias: a construção sensível de uma consciência de inclusão pela leitura” tem por intenção discutir a inclusão social educacional da pessoa com deficiência a partir do trabalho do professor com as narrativas literárias em sala, pelo viés de inclusão e de sensibilização sobre diferenças na sala de aula. Para tanto utilizamos como corpus as narrativas literárias *Bucólica*, de Monteiro Lobato, *Apólogo Brasileiro sem Véu de Alegoria*, de Alcântara Machado e *Ouvindo com Vitória*, de Sharlene Serra, que trazem como personagens a pessoa com deficiência e integram os acervos literários das etapas da Educação Básica. Com este estudo buscamos investigar e responder se as narrativas trabalhadas em sala podem ser uma oportunidade de sensibilização a respeito da inclusão das pessoas com deficiência em sala de aula? A fim de atingir o objetivo desse trabalho fez-se pesquisa bibliográfica em estudos científicos e as análises apoiam-se nas contribuições reflexivas de autores como: Menezes; Rabelo, (2018), Silveira et al. (2012), Richartz (2018), Silva (2006), Sassaki (1997), (2019), entre outros que destacam as reflexões mais pertinentes no que tange à inclusão numa perspectiva literária. Com base nas leituras literárias e científicas constatamos que as narrativas literárias colaboram para a construção da imagem do deficiente, seja ela positiva ou negativa, construindo no sujeito uma sensibilidade por meio da leitura em sala de aula.

Palavras-chave: Narrativas literárias. Deficiência. Inclusão. Sala de aula. Sensibilização.

ABSTRACT

The present course conclusion work (TCC) entitled "Inclusion of the disabled person in literary narratives: the sensitive construction of an awareness of inclusion through reading" intends to discuss the educational social inclusion of the disabled person from the work of the teacher with literary narratives in the classroom, through the bias of inclusion and awareness of differences in the classroom. In order to do so, we used as corpus the literary narratives *Bucólica*, by Monteiro Lobato, *Apólogo Brasileiro sem Véu de Alegoria*, by Alcântara Machado and *Ouvindo com Vitória*, by Sharlene Serra, which feature the disabled person as characters and integrate the literary collections of the stages of Education. Basic. With this study, we seek to investigate and answer whether the narratives worked in the classroom can be an opportunity to raise awareness about the inclusion of people with disabilities in the classroom? In order to achieve the objective of this work, bibliographic research was carried out in scientific studies and the analyzes are supported by the reflective contributions of authors such as: Menezes; Rabelo, (2018), Silveira et al. (2012), Richartz (2018), Silva (2006), Sasaki (1997), (2019), among others that highlight the most pertinent reflections regarding inclusion in a literary perspective. Based on literary and scientific readings, we found that literary narratives collaborate to build the image of the disabled, whether positive or negative, building a sensitivity in the subject through reading in the classroom.

Keywords: Literary narratives. Deficiency. Inclusion. Classroom. Awareness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	INCLUSÃO ESCOLAR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA.....	11
3	INCLUSÃO E NARRATIVAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA.....	13
4	METODOLOGIA.....	17
5	ANÁLISES: UMA REFLEXÃO NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS, EM TORNO DA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA.....	18
5.1	Apólogo brasileiro sem véu de alegoria.....	18
5.2	Bucólica.....	22
5.3	Ouvindo com vitória.....	25
6	CONCLUSÃO.....	27
	REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

A perspectiva de uma sociedade que inclui a pessoa com deficiência vem se modificando e se reinventando ao longo de todo percurso histórico/social, ganhando visibilidade nas áreas da educação e literatura. Nesse contexto, o momento atual em que vivemos nos dá a oportunidade de abordar o tema inclusão da pessoa com deficiência por meio das narrativas literárias usadas em sala de aula, que oferecem ao leitor o entretenimento ao mesmo tempo possibilita fazer uma crítica reflexiva da realidade na qual está inserida.

Além de motivar uma discussão sobre a relação entre literatura e educação, nos chama atenção o mercado editorial brasileiro que começou sutilmente apresentar nas narrativas literárias o tema inclusão. Passou a incluir em seus enredos pessoas com deficiência, e nem sempre com a finalidade de promover a construção de uma consciência sensível sobre a diferença, mas de explorar a deficiência como anomalia a ser rejeitada, permitindo assim, a participação de personagem com deficiência nas narrativas. Aos poucos as narrativas sensíveis começaram a ser inseridas na escola, fato que não acontecia anos atrás.

O objetivo deste trabalho é discutir, por meio das narrativas literárias, a inclusão social educacional da pessoa com deficiência, com enfoque na sala de aula e ver como essas narrativas ajudam a construir uma “consciência” e uma sensibilidade no leitor sobre a diferença, assim, refletir como as narrativas literárias podem ser auxiliadoras no processo da inclusão da pessoa com deficiência na escola. A proposta da pesquisa que desenvolvemos orienta-se no sentido de responder a pergunta: As narrativas literárias, “Ouvindo com Vitória”, “O Apólogo Brasileiro sem Véu de Alegoria” e “Bucólica”, trabalhadas nas salas de aula podem ser uma oportunidade para a sensibilização do leitor na questão da inclusão da pessoa com deficiência?

Delimitamos como corpus de investigação, narrativas literárias curtas que trazem em seus enredos personagem que apresenta alguma deficiência. Optamos por trabalhar três obras, citadas anteriormente, que estariam presentes nos níveis de Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

É válido mencionar que todas essas reflexões tiveram seu início a partir das discussões feitas na disciplina “Educação Inclusiva”, ofertada no terceiro período do curso Linguagens e Códigos/Português, UFMA, campus São Bernardo-MA, em consonância com a vivência na IV Semana de Linguagens e Códigos, evento que suscitou o interesse a respeito da inclusão da pessoa com deficiência a partir das narrativas literárias.

A obra que abriu caminho para essa investigação foi o livro *Ouvindo com Vitória*, da autora maranhense Sharlene Serra. Como o próprio nome já leva à compreensão trata-se de uma narrativa que tem como protagonista uma criança chamada Vitória que tem a deficiência auditiva. Ao longo do livro a autora, de modo pedagógico presente, vai pontuando como é a vida da personagem, seu modo de ouvir, de falar e de se comunicar com outras pessoas.

A narrativa intitulada “*O Apólogo Brasileiro sem Véu de Alegoria*” do autor Alcântara Machado mostra um músico que tem a deficiência visual, que viaja até Belém após um concerto de flauta. O ápice da narrativa acontece quando ele, o cego, descobre que no vagão não havia luz e instiga os demais passageiros do trem a não se acomodar com a escuridão, incentivando um protesto a favor da luz.

A outra obra estudada é “*Bucólica*” do escritor brasileiro Monteiro Lobato e encontra-se no livro “*Urupês*”. Traz a história de Anica, uma criança que tem deficiência física. Abordando assim, temas como: preconceito, inclusão, estereótipos, nomenclatura, dentre outros que auxiliam na construção da sensibilidade de uma sociedade por meio da leitura.

Como suporte teórico usamos os autores Menezes; Rabelo (2018), para nos ajudar a refletir como a literatura auxilia no processo de inclusão, pois de acordo com os autores supracitados compete à literatura, como um espaço representativo da sociedade, tomar cuidado para não perpetuar o preconceito e a crueldade com as pessoas com deficiência dentro das narrativas.

Para embasar a discussão a respeito de como a literatura traz para os leitores a questão da inclusão da pessoa com deficiência, contamos com as contribuições de Maria; Valente (2013) que buscam entender e discutir como a literatura contempla a questão da inclusão, mostrando assim como as narrativas literárias podem colaborar para uma educação inclusiva além da inovação no cenário editorial do país, contribuindo, desse modo, para com a aceitação da singularidade do indivíduo.

E para nos ajudar a entender melhor as discussões sobre como as narrativas literárias auxiliam no processo de inclusão, chegando até a escola, nos apoiamos nas falas de Frohlich (2019), segundo o qual a instituição deveria estar preparada para ser realmente uma escola inclusiva, não só burocraticamente, mas em todas suas ramificações. Fundamentamo-nos ainda nos estudos de Ferreira, Costa (s/a) para refletir até que ponto a leitura solidifica uma visão verídica da pessoa com deficiência, no passo que descreve não só a deficiência, mas todas as suas outras características que acabam sendo esquecidas como a inteligência e potencialidades. E quando falamos em inclusão estamos nos apoiando na fala de Sasaki (1999).

Em virtude do que foi falado acreditamos que por meio dos subsídios de diversos autores e da utilização das narrativas literárias podemos trazer discussões que contribuam para a formação e desempenho de uma consciência crítica reflexiva de maneira que contribua para a inclusão da pessoa com deficiência indo para além da sala de aula.

O desenvolvimento do trabalho está organizado em 4 capítulos. O primeiro tem por intuito refletir o ensino inclusivo da pessoa com deficiência, o segundo capítulo trata da relação da inclusão da pessoa com deficiência e as narrativas literárias que circulam em sala de aula. O terceiro apresenta a metodologia do estudo, situando como foi o processo de investigação, o quarto capítulo aborda às reflexões das narrativas literárias, na qual estão subdivididos em três itens correspondentes a cada narrativa. O primeiro será, Apólogo brasileiro sem véu de alegoria; o segundo, Bucólica; e o terceiro, Ouvindo com vitória. Dando continuidade ao trabalho apresentamos as conclusões as quais chegamos de acordo com as reflexões feitas nas narrativas literárias subsidiadas por teóricos que condensam a ideia da narrativa literária como um elo capaz de alcançar a todos.

2. INCLUSÃO ESCOLAR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

No contexto de inclusão da pessoa com deficiência Sasaki (1997),

Conceitua-se a inclusão [...] como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. [...] constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas e a sociedade buscam, em parcerias, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997, p. 03)

A inclusão é um movimento de luta das pessoas com deficiência que buscam seus direitos dentro da sociedade, e dentro da escola não é diferente. A preocupação de incluir ainda está presente no meio social e educacional. Carvalho (2000), em seus estudos, aponta que a questão da inclusão está para além do que ousamos pensar. Saber que a pessoa tem deficiência implica também em acreditar nas possibilidades de interação e integração no meio social que permite uma agregação de valores que possibilitam, por sua vez, a inclusão. É saber que as diferenças existem e isso não se tornar motivo de segregação do outro, reconhecendo sua capacidade, inteligência, sabendo respeitar, possibilitando a participação de quaisquer indivíduos dentro da sociedade contemporânea.

Podemos considerar que a escola, ao longo dos anos, tenha contribuído para o engajamento de uma sociedade mais inclusiva, todas as instituições trouxeram para si um grande desafio, que seria rever seu papel, rever que tipo de apoio às instituições deveria oferecer para esse público, rever pensamentos e, de fato apoiar e fazer a inclusão da pessoa com deficiência acontecer.

Hoje o ensino inclusivo é realidade e pessoas com deficiência, em sua maioria, já tem acesso à educação dentro da escola regular, pois as leis implementadas auxiliaram e impulsionaram esse novo passo para inclusão. Dentre essas leis destacamos a Constituição Federal de 1988, a nossa Carta Magna, documento que rege as demais leis, determinando tanto os direitos quanto os deveres a serem cumpridos por todos os cidadãos brasileiros. Ela em seu artigo 205 dispõe que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Ressaltamos também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) lei nº 9.394/96 que veio ampliando os direitos educacionais e reafirmando o direito de todos à educação, garantido pela Constituição Federal, determinando as responsabilidades em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Assim, a pessoa com deficiência teve seu direito à educação legalmente assegurado.

Criar uma sala de aula inclusiva não significa colocar todos os alunos no mesmo espaço e fazer as mesmas coisas igualmente para todos, pois isso garante apenas a igualdade. Significa isso sim, possibilitar que todos na classe se desenvolvam, respeitando e garantindo suas singularidades, ofertando assim, a igualdade e a equidade. A escola deveria oferecer a cada aluno aquilo que fosse necessário para o seu desenvolvimento integral, atentando para que tipo de relações ela esteja construindo entre seus sujeitos, bem como nos alerta Assis (2014).

A escola é o espaço onde as relações sociais que compõem o conjunto de relações humanas, configuram-se e reconfiguram-se a todo o momento, entre as crianças e adolescentes, professores e funcionários, pais e responsáveis, enfim, na comunidade escolar. E, como toda relação, pode apresentar-se revestida de carinho, afeto, companheirismo e respeito, pode se apresentar revestida de preconceito, ou seja, opinião formada sem conhecimento dos fatos, pautada em julgamentos sem fundamentação; de discriminação em que os atos consistem em diferenciar, em separar, em isolar, em segregar, e, de exclusão com a negação e rejeição às individualidade e as diferenças. (ASSIS, 2014, p.17-18)

Sugere Assis (2014) reconhecer a escola como instituição que prepara o sujeito para a sociedade, esta deve também prepará-lo para viver as pluralidades encontradas na sociedade, ou seja, uma escola que se preocupa e põe em prática o ensinamento de valores, mostrando uma sociedade de todos e para todos.

Torna-se interessante aqui nos reportar para as sábias palavras de Jesus (2005) que coloca a sociedade como espaço para todos, quando diz: “para que se possam incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada, e não as pessoas, a partir do entendimento de que ela é que necessita ser capaz de atender às pessoas e efetuar mudança” (JESUS, 2005, p. 04). Assim, entendemos que deve ocorrer um processo de transformação na sociedade, para que esta possa acolher seus cidadãos de forma igualitária, pois, diversas vezes, as pessoas são selecionadas a partir de critério avaliativos que medem muito mais a aparência do que a competência do indivíduo propriamente dita.

Com base nos estudos dos autores Frohlih (2019), Menezes; Rabelo (2018) e Santos; Lima (2020) podemos destacar pelo menos três pontos norteadores para uma educação inclusiva: a acessibilidade na escola (além efetuar a matrícula dos alunos com necessidades educacionais especiais, deve prover também sua permanência e formação de qualidade); a formação do docente (professores especialistas e capacitados) e a formação cultural (incluir na mesma sala pessoas com necessidades educacionais especiais e pessoas sem tais necessidades, construindo processos de aprendizagem e conhecimento mútuos).

Baseado nas contribuições de Sasaki (1999) consideramos a inclusão como

[...] um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos, espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos, utensílios mobiliário e meios de transportes e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também *da pessoa com deficiência* [...]. (SASSAKI, 1999, *grifo nosso*, p.42)

É importante ressaltar que antes de praticar a inclusão, se praticou a exclusão, seja na fala, na separação na hora das atividades, na escolha dos vocábulos, entre outras forma discriminatória, dessa forma tão importante quanto praticarmos efetivamente a inclusão é deixarmos de praticar a exclusão. Então, de acordo com o autor supracitado, condensa a reflexão que a sociedade é de todos e para todos, levando a entender que diferença não poder ser motivo para exclusão. Seguimos então, para o segundo capítulo, no qual discutiremos a relevância das narrativas literárias no trabalho da inclusão da pessoa com deficiência em sala de aula.

3. INCLUSÃO E NARRATIVAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA

A utilização das narrativas literárias no ensino começa a ser entendida como um dos meios para a discussão sobre a inclusão da pessoa com deficiência, mediante os fatos que são postos nas narrativas, proporcionando assim, um conhecimento da realidade enfrentada por muitas pessoas com deficiência. Sobretudo, numa perspectiva de ensino inclusivo. As narrativas são fonte inesgotável de conhecimento, sendo que a leitura nos permite a reflexão das atitudes e das vivências dentro do meio social.

As narrativas literárias são de suma importância para o desenvolvimento crítico, reflexivo e sensível do leitor, uma vez que permite a interação dos leitores com a vida dos personagens, nesse sentido Maria; Valente (2013) estimulam a sensibilização de aceitação por parte do leitor, quando saem da ficção das narrativas e passam para o real do dia a dia, educando quem as lê.

A cada leitura novas descobertas, bem como uma nova maneira de ver e agir diante da realidade. Além de uma leitura que consiste na participação, análise e reflexão, por parte do leitor, trabalhar com narrativas que tenham o propósito de auxiliar na inclusão dentro da sala de aula, contribui para a formação de uma sociedade que além de inserir, também inclui.

A leitura das narrativas literárias em sala de aula que buscam trabalhar o tema inclusão da pessoa com deficiência, desempenha um papel fundamental para a construção da sensibilidade do leitor, auxilia no trabalho em prol da inclusão, e assim forma não apenas alunos, mas cidadãos críticos reflexivos capazes de enxergarem o indivíduo como um sujeito e não como uma deficiência. Zilberman (2003, *grifo nosso*, p.16) descreve que

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento pela leitura [...] por isso o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento de leitura dos alunos, podendo assim fazer vários espaços de leitura de livro e narrativas literárias.

E as narrativas literárias, de modo bem amplo, são histórias que podem ser baseadas em fatos reais ou fictícios, que usam as palavras como forma de seduzir ou entreter o leitor levando-o para “um mundo paralelo” fazendo com que experimente a sensação de viver e refletir a história contada. Menezes; Rabelo (2018) condensam a relevância do uso das narrativas literárias para a inclusão da pessoa com deficiência, nessa perspectiva, a literatura que desempenha um papel tão importante na sociedade também pode dar a mesma

contribuição para a pessoa com deficiência no país, pois retrata e projeta com sucesso comportamentos e atitudes pessoais marcantes por meio de narrativas.

A representação da pessoa com deficiência nas narrativas pode despertar a sensibilidade e consciência no leitor, permitindo, assim, conhecer e respeitar as diferenças dos sujeitos. Uma vez que essas narrativas são levadas para dentro da sala de aula, o aluno, a partir de então, começa a ingressar em uma sociedade, na qual não existe um padrão de normalidade que alguns insistem em colocar, desmistificando o preconceito que vem sendo repassado ao longo dos tempos.

É verídico que isso não é algo que acontece momentaneamente, mas começa na tentativa de educar, dando a todos as oportunidades de serem pessoas ativas na sociedade. Com o trabalho de narrativas literárias na sala de aula que trazem como personagens de seus enredos pessoas com deficiência, o educador cria possibilidades de superação de um olhar que enfatiza as limitações da pessoa com deficiência.

Sutilmente o mercado editorial brasileiro começou a inserir nas obras literárias personagens com deficiência. Contudo, em algumas obras torna-se evidente o preconceito enraizado, retrato de uma sociedade na qual propagava a ideia ilusória de uma sociedade homogênea, ou seja, que desconsiderava e excluía tais sujeitos de seu meio. Por outro lado, foram lançadas também narrativas literárias que iam contra a exclusão, “abrindo os olhos” da sociedade para as injúrias, preconceitos e lutas que as pessoas com deficiência foram e são submetidas.

Usar essas narrativas literárias em sala de aula é uma ferramenta indispensável, a qual vem auxiliar a construção do aprendizado, pois estimula a leitura desempenhando um papel importante para formação social do aluno. Sobre essa perspectiva Maria; Valente (2013, p. 03) diz que “a literatura é um espaço produtivo para formar nossos pensamentos, ideais, atitudes, enfim, uma possibilidade de descobrir e compartilhar ideias, emoções e sentimentos”. Dentro desse parâmetro percebe-se que a narrativa literária fortalece os vínculos afetivos e morais, ajudando na representatividade e na inclusão social e escolar da pessoa com deficiência, ou seja, a literatura reflete ao mesmo passo que influencia a sociedade.

As narrativas trabalhadas em sala de aula com ênfase na não exclusão, no respeito mútuo e na empatia ganham espaço para efetuar a inclusão social do indivíduo, ampliando as possibilidades de interação dos sujeitos, uma vez que as obras são usadas como instrumentalização para prevenir e combater a exclusão da pessoa com deficiência. E essas narrativas estão cada vez mais presentes nas salas de aula.

Fato é que, ao se chegar à sala de aula essa narrativa deveria ser um meio para despertar no leitor a sensibilidade, de se colocar no lugar do outro, de maneira que passasse a agir dentro da sociedade com a mesma empatia que tivera pelo personagem, pois as narrativas literárias em sala de aula ajudam instiga, revela, discute uma sociedade, que ao longo dos anos se reformula, com novas práticas, novos pensamentos e engaja em novos horizontes fazendo uma sociedade mais inclusiva. Cabendo assim, a literatura transpor isso para suas narrativas, fazendo um elo entre irrealdade e realidade. E indo mais além, as narrativas usadas em sala de aula pode causar a metamorfose que se precisa para fazer uma sociedade inclusiva.

As narrativas literárias podem trazer um novo olhar para a inclusão no meio educacional. Interfere de forma louvável para a construção de uma identidade verdadeira da pessoa com deficiência, servindo como forma de denunciar injustiças e preconceitos, desvinculando os estereótipos associados a eles. Pois como revela (SILVA; SIMPLÍCIO, 2010, p. 188),

Durante muito tempo as diferenças foram ignoradas, tanto na vida como na literatura. Quando se apresentavam, provocavam um duplo olhar, dividido entre o preconceito e a compaixão. Em geral, o olhar que via o diferente era depreciativo, voltava-se para baixo, via o inferior a si. Nas narrativas de ficção buscava-se a cura ou a negação da deficiência, não a sua aceitação.

As obras literárias que trazem personagens com deficiência acabam mostrando uma identidade para o sujeito, desse modo também se torna responsável pela construção da subjetividade tendo responsabilidade no processo da inclusão.

As narrativas literárias aparecem como um meio para a inclusão e não meio-e-fim. Vêm se apresentando cada vez mais como uma forma eficaz de abordar o tema inclusão, ampliando a visão do aluno, construindo uma consciência de empatia, compreensão e reflexão sobre práticas inclusivas. Isto é, a ideia de inclusão sendo construída discursivamente por meio das narrativas literárias. Desse modo, refletimos a fala de Oliveira; Silva; Costa (2016) que apresentam

A literatura, enquanto texto de ficção seja em verso ou em prosa pode estar no cerne da construção de uma educação inclusiva, uma vez que pode operar a partir de sugestões fornecidas pela fantasia e imaginação, socializando formas que permitem a compreensão dos problemas [...] depreende-se que o texto literário pode funcionar como ponte para a educação inclusiva (OLIVEIRA, SILVA, COSTA 2016.p. 694).

Com base nessa citação acreditamos que fazer uso das narrativas em sala de aula é sem dúvida uma prática que possibilita abrir caminhos para elucidar as virtudes que cada sujeito possui, e conseqüentemente, favorecer uma prática social mais inclusiva.

A sala de aula torna-se espaço de interação, comunicação e formação social do sujeito aluno, na qual, além de conhecimentos científicos esses também aprenderão a viver em sociedade. Colocando em pauta não só os interesses individuais como também os coletivos.

Nessa premissa, acredita-se que a narrativa literária contribuirá na construção da sensibilidade do leitor em relação ao outro e que possui um espaço capaz de trabalhar inúmeras temáticas presentes na sociedade. Ela possibilita colocar os sujeitos em um espaço de interação entre o que se lê e o que se vive. No próximo tópico, mostraremos como se deu a organização do trabalho.

4. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado tem por caráter ser uma pesquisa científica que torna possível a veracidade da discussão, além do que, para Lakatos e Marconi pesquisa pode vir a ser entendida como “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. (apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 44). Desse modo, possibilita as reflexões que permeiam no campo literário, trazendo para debate conhecimentos amplos que se condensam diante das contribuições dadas pelos autores.

A metodologia aqui usada será a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Prodanov; Freitas (2013) nos ampara na medida em que nos ajuda encontrar os resultados da pesquisa, que serão guiados por estudos de autores que contemplam o assunto.

Para delimitar nosso material de análise, houve a seleção das narrativas literárias, no processo da seleção focamos em três pontos: narrativas curtas, narrativas que dariam para se trabalhar em sala de aula nas etapas de ensino infantil, fundamental e médio, e que em seus enredos tivessem personagens com deficiência. O critério pela respectiva escolha molda-se a partir da visão que essas narrativas literárias fazem uso de uma linguagem e enredo que despertam a sensibilidade crítica reflexiva do leitor.

Selecionamos três narrativas, a primeira se intitula Ouvindo com Vitória de Sharlene Serra. Nela iremos explorar o uso da linguagem usada para alcançar o público leitor, além de refletir a relação de Vitória, personagem que tem deficiência, com as demais crianças. Nossa segunda escolha foi a narrativa Bucólica de Monteiro Lobato, nossa reflexão gira em torno da

personagem chamada Anica. Veremos como o fato da personagem ter deficiência causa a exclusão no meio social, e até mesmo da própria família, além de vocábulos usados ao se referir à personagem. A terceira narrativa foi Apólogo brasileiro sem véu de alegoria, de Alcântara Machado, na respectiva narrativa veremos as denúncias, críticas e reflexões sobre in/exclusão da pessoa com deficiência, vendo como essas discussões podem colaborar na construção de um olhar sensível para a inclusão. Passaremos ao quarto capítulo no qual trataremos das análises e reflexões acerca das narrativas literárias.

5. ANÁLISES: UMA REFLEXÃO NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS, EM TORNO DA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Neste capítulo realizaremos reflexões sobre as narrativas literárias Apólogo brasileiro sem véu de alegoria de Alcântara Machado; Bucólica de Monteiro Lobato; e Ouvindo com vitória de Shirlene Serra, nas quais buscaremos refletir e discutir inclusão pelo viés literário, acerca das relações existentes entre ficção das narrativas literárias trabalhadas em sala de aula e a realidade de muitas pessoas com deficiência.

5.1 Apólogo brasileiro sem véu de alegoria

A narrativa literária “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria” de Alcântara Machado é contada por um narrador observador, seguindo uma linguagem coloquial. Traz em seu enredo um personagem com deficiência visual, apresentado como “cego baiano” e se passa dentro de um trenzinho. O clímax da narrativa acontece quando ele percebe que no vagão no qual estava não havia luz.

O trem vindo de Maguari conduzia trabalhadores que voltavam para casa depois de um dia de labuta, entre os passageiros estava ele - músico cego que viaja de trem a Belém após um concerto de flauta. O trem estava malconservado, porém o pessoal do matadouro já havia se acostumado e não estranhava aquela situação. Ao iniciar uma conversa com um passageiro o “cego baiano” ficou sabendo que no vagão que estava não havia luz, fato que lhe causou insatisfação e o fez reivindicar seus direitos. Vendo isso, os outros passageiros, motivados por ele, começaram também a questionar o estado do trem e gritar por seus direitos, logo, todo o vagão estava em motim. A revolta foi caminhando pelos outros vagões, e com isso todo o trem ficou em rebelião. O trem foi destruído pelos passageiros, e o caso chegou à delegacia. Na averiguação o delegado ao saber que a rebelião tinha sido provocada

por um cego, não acreditou no depoimento, e determinou prisão ao passageiro que lhe deu a informação.

Essa narrativa permite ao leitor o reconhecimento de um sistema já estabelecido, que quando confrontado gera atritos entre o que se espera e o que de fato acontece. Permitindo-nos ao longo da narrativa fazer reflexões no sentido de inclusão, em específico a inclusão da pessoa com deficiência.

Reportamo-nos para o título da narrativa “*Apólogo brasileiro sem véu de alegoria*” que nos remete de forma geral a fatos sociais, políticos e econômicos, demonstrando a intenção de fazer uma ligação entre fatos reais e fictícios. Utiliza-se, para tanto, de expressão/interpretação que consiste em trazer pensamentos, qualidades e ideias com pressupostos que permitem ao leitor fazer suas próprias indagações sobre o assunto, ou seja, nos traz uma reflexão moral, com aspectos abstratos, acontecendo uma transposição de conceitos abstratos em imagens concretas. Nesse sentido o autor Alcântara Machado nos mostra uma situação da sociedade daquela época o que traz um teor crítico para a narrativa.

Por muitos anos as pessoas com deficiência lutam por seus direitos, incluindo a educação. Hoje estamos vivendo o resultado dessas lutas cotidianas, que deixaram marcas ao longo da história. No decorrer do enredo notamos que o autor deixa livre para o leitor fazer essas reflexões dizendo: “As manchas na roupa dos passageiros ninguém via porque não havia luz”. (MACHADO, 2016, p. 01). Nesse trecho o narrador nos deixa indícios que houve acontecimentos que deixaram marcas, isto é, as vestes traziam consigo marcas do passado. Aqui notamos a presença de rastros que contornam uma vida de intensa luta. A invisibilidade da pessoa com deficiência coloca-se sem visão, pois “não havia luz” se configura não apenas sendo uma cegueira por causa da deficiência, mas sim uma cegueira provocada pelo momento vivido e uma invisibilidade que gerava a exclusão.

Corroborando com essa ótica Garcia (2011) ressalta que

[...] o percurso histórico das pessoas com deficiência no Brasil, [...] foi marcado por uma fase inicial de eliminação e exclusão, passando-se por um período de integração parcial através do atendimento especializado. Estas fases deixaram marcas e rótulos associados às pessoas com deficiência, muitas vezes tidas como incapazes e/ou doentes crônicas. Romper com esta visão, que implica numa política meramente assistencialista para as pessoas com deficiência, não é uma tarefa fácil. Mas, com menor ou maior êxito, isso foi feito com o avanço da legislação nacional sobre este tema, contando agora com a contribuição direta das próprias pessoas com deficiência. (GARCIA, 2011, p. 05)

Desde modo, o autor nos indica que a caminhada deixa registros, sejam eles negativos ou não. Ficando evidente a dinâmica sobre a desigualdade quando nos deparamos com um sistema metaforizado pelo trem (o trem em movimento), nos remetendo a essa trajetória, que

embora o tempo passe, as condições continuam as mesmas ou com mudanças não muito relevantes.

Outro trecho que merece destaque é o momento no qual o autor coloca o personagem “cego baiano” em evidência dentro da narrativa, lhe dando voz ativa, mostrando o sujeito e não a deficiência.

O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial?
 O rapaz respondeu:
 Não sei: nós estamos no escuro.
 No escuro?
 É. [...] Não tem luz?
 Bocejo.
 Não tem.
 Cuspada.
 Matutou mais um pouco. Perguntou de novo:
 O vagão está no escuro?
 Está.
 Não pode ser! Estrada relaxada! Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!
 E a luz não foi feita. Continuou berrando:
 Luz! Luz! Luz! (MACHADO, 2016 p.02)

O personagem que tem a deficiência visual é colocado de maneira natural, dentro da narração, sem exaltação de características que não correspondem a ele. Podemos refletir também que o autor o coloca no protagonismo como deficiente visual, fazendo dele um sujeito ativo na sociedade, embora isso tenha acontecido somente quando ele percebeu que ninguém estava enxergando, por assim dizer, todos na mesma situação. A deficiência visual do “cego baiano” de um lado e do outro a cegueira de direitos sociais dos passageiros do vagão. E ao lhe dar voz, o autor permite ao “cego baiano” ensinar aos seus companheiros de viagem enxergar seus direitos.

Percebemos que ao gritar “luz” também traz a reflexão a que luz está a se referir, a luz do vagão, mas também um grito pedindo que seja visto. O personagem é uma figura de um homem que após descobrir que todos estavam nas mesmas condições, se descobrem e consegue lutar por seus direitos que vem sendo sonogado.

Também é válido mencionar que o personagem com a deficiência visual percebeu literalmente e simbolicamente o estado obscuro do trem no qual estava, percebendo a negligência econômica, social e cultural situação que nenhum dos demais passageiros não percebia. Ou seja, nesse trecho deixa claro, o homem até então despercebido, torna-se um homem de voz, que consegue ali entender que existe a camuflagem de um falso progresso “foi preciso explicar que era um desaforo. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade.” (MACHADO, 2016, p. 03) Observamos então que o personagem

aparece, e não à deficiência. O mesmo é apresentado como um sujeito capaz de opinar, agir, criticar e reconhecer seus direitos.

Qual a causa verdadeira do motim?

O homem respondeu:

A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões.

O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou:

Quem encabeçou o movimento?

Em meio da ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou:

Quem encabeçou o movimento foi um cego!

Quis jurar sobre a Bíblia, mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca. (MACHADO, 2016, p. 05)

O que nos chama atenção nesse trecho é a peripécia que acontece, aqui fica claro que a sociedade não vê a pessoa com deficiência um ser capaz de fazer tal revolução, sendo considerado um desaforo dizer que tal ato foi liderado por uma pessoa com deficiência. Pois ainda é predominante a imagem da pessoa com deficiência como um ser incapaz de praticar as mesmas ações que aquelas que não têm deficiência. A atitude do delegado pode ser considerada então, como um preconceito velado, ao expressá-lo de forma subtendida em sua atitude, não o revelando verbalmente. Chega ao final do conto e nenhum nome é dado ao personagem, fazemos relação a isso aos inúmeros sujeitos com deficiência que acabam ficando no anonimato.

Nesse viés, também cabe à reflexão que até serem colocados em situações diferentes, os personagens não dão conta das dificuldades encaradas pelos deficientes e logo o autor traz ao público de certa forma uma crítica aos funcionamentos da sociedade atual e faz o leitor pensar sobre as estruturas atuais. Por isso, acreditamos que o personagem além de se revelar sendo uma pessoa corajosa, também realça a falta das condições de acessibilidade na sociedade.

Percebemos também, que essa narrativa ao descrever o trem sem muita estrutura nos permite refletir as condições que a pessoa com deficiência é colocada dentro da sociedade, em algumas situações ficando impossível a permanência seja na escola, trabalho ou em qualquer outra área. Nessa perspectiva Sasaki (2009) nos mostra que a acessibilidade estar para além de rampas, não estando ligada somente para com barreiras arquitetônicas, dizendo que

O conceito de acessibilidade não se relaciona exclusivamente à eliminação dos impedimentos físicos, nas vias públicas, no meio ambiente, nas tecnologias, nas edificações e no mobiliário, mas especialmente, à eliminação das barreiras existentes nas relações entre as pessoas, cujas atitudes podem ocasionar e revelar- preconceito e discriminação. É chamada de acessibilidade atitudinal. (SASSAKI, 2009).

As atitudes que decorre na narrativa mostram que os demais personagens apesar do incômodo, nada faziam para buscar melhorias. A narrativa causa sim, uma sensibilidade no leitor que acompanha de perto todo o enredo, notando o momento no qual o “cego baiano” toma consciência que estava nas mesmas condições dos demais. Ao mesmo tempo em que a ausência de luz fora motivo de revolta e indignação, fora também a causa na qual sua deficiência não o fez diferente dos demais.

Nesse caso, a narrativa literária auxilia na participação e na reflexão do leitor, mostrando um personagem que muito além da deficiência consegue transmitir com sutileza as peripécias que acontece no cotidiano e que muitas vezes passam despercebidas. Sem o colocar em uma situação de vulnerabilidade ou apresentando características que não condiz com o personagem, por assim dizer, conseguiu representar as dificuldades e alcançar o leitor. Fazendo uma desconstrução de ideias que manipulam a capacidade de interação e inclusão da pessoa com deficiência.

5.2 Bucólica

Bucólica faz parte da obra *Urupês* do autor brasileiro Monteiro Lobato, a narrativa se passa em uma cidade do interior. Narra-se a história de Veva e seu marido, Pedro Suão. Eles têm uma filha chamada Anica, que tem deficiência física, e isso é o motivo para a mãe tratá-la mal, desejando até mesmo a morte da criança. O clímax da narração acontece no relato dado ao narrador pela empregada do casal, Inácia. Anica estava morrendo de sede, porque sua mãe não lhe dava água, mesmo sabendo que a filha estava com febre. A única que cuidava de Anica era a empregada, mas naquele momento essa não se encontrava em casa devido a uma grande chuva que não a deixou voltar. Na tentativa de conseguir a água, Anica se arrasta até o pote que continha água, mas não conseguindo alcançar, morreu ali mesmo. Lobato faz uso de uma linguagem criativa, o que enriquece todo o enredo.

A história se passa em um cenário predominantemente rural e é apresentada por um narrador em primeira pessoa, o que possibilita seu envolvimento com a narrativa, conseguindo transmitir com riqueza de detalhes todo o enredo. Ela possibilita a discussão e reflexão de inclusão da pessoa com deficiência.

A narrativa literária intitulada *Bucólica* traz em seu enredo uma perspectiva que invade as emoções do leitor, apresentando a personagem Anica, que tem deficiência física, com toda mansidão. O narrador propõe ao leitor um mergulho na história, conseguindo

estabelecer uma conexão entre leitor e narrativa. Com exatidão descreve toda a cena, deixando-o imerso nesse universo.

Deparamo-nos com um narrador que constrói a imagem do cenário no qual se passa o conto, logo, percebemos que embora seja um lugar que tem em si uma simplicidade, ele traz ao leitor a essência do que há de belo, fazendo ponderações que enriquecem todo o enredo. Nessa parte também é trazido a reflexão das classes sociais, uma batalha que se molda entre a classe alta e a menos abastada, o que afeta ainda mais no preconceito e, conseqüentemente, na exclusão. Lobato (1994) faz com sutileza uma comparação entre ambas as classes, deixa o leitor ainda mais envolvido com o enredo, com a capacidade de se ver no outro, possibilitando a empatia. Nesse sentido trazemos o seguinte excerto:

- Flor à-toa, diz a gente roceira. São, coitadinhas, a plebe humílima. A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo cores de dança serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dália, sua majestade a Rosa, o samurai Crisântemo - que fidalguia. Bem longe estão destas aqui, azuleguinhas, um pouco maiores do que uma conta de rosário (LOBATO.1994. p 100)

Podemos com clareza, observar a analogia feita entre os dois jardins: um majestoso com muitas flores, rosas de diferentes espécies e o outro nem tanto, tendo apenas uma pouca quantidade de flores, fazendo assim a comparação entre as duas classes sociais. Por assim dizer, evidencia-se que exclusão também decorre da classe social a qual pertença, o que reforça a discussão da existência de um grande abismo entre essas duas classes, na qual a mais baixa é a mais afetada pelo preconceito e exclusão.

É interessante nos pautarmos como o autor usa de simbologias para levar o leitor a uma compreensão que embora à exclusão não tenha uma causa única, mas parte dela está envolvida nas possibilidades que não são ofertadas de forma igualitária aos indivíduos, mostrando mais uma vez a soberania da classe alta, do “ter sangue azul” da nobreza. A partir da visão do leitor, há o reconhecimento e a reflexão diante da realidade, que perpassa as fronteiras da ficção transportando-nos a realidade, uma vez que essa narrativa desconstrói e reconstrói a visão estereotipada da pessoa com deficiência.

A aparição de Anica no conto dar início com o diálogo no qual a empregada conta que a menina tinha morrido. A trecho a seguir irá mostrar o momento em que descobrem que Anica está morta e revela a indiferença da mãe para com a situação, levando o leitor a compreensão que o desprezo se advém do fato da menina ter deficiência física.

[...] morreu a menina? Soube-o inda agora pelo Suã...
- É.

Que resposta seca!
 – E de que morreu?
 – Deus é que sabe. (LOBATO,1994,p.102)

A resposta dada pela mãe de Anica não apresenta nenhum sentimento de afeto por parte de uma mãe que acabará de perder sua filha. O que nos levar a pensar que a menina sofria preconceito até mesmo dentro de casa.

Seguindo a narrativa, novamente encontram-se indícios de mais fatores que permitem ao leitor ver que Anica era uma criança que sofria preconceito e discriminação por causa da deficiência, como observamos a seguir:

- Sabe do que morreu? Morreu... de sede! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...[...] A menina era entrevada e a mãe, má como a irara. Dizia sempre: Pestinha, por que não morre? Boca à-toa, a com a comer. Estica o cambito, diabo! Isto dizia a mãe - m hein? A Inácia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha. Era quem a vestia, e a lavava, a arrumava o prí nho daquele passarico enfermo. Sete anos assim. Excelente negra! [...] d'água à boca da doentinha.[...] (LOBATO, 1994, p. 103)

A Mãe faz uso de vocábulos fortes, que maltratam e desprezam a garota. Na hora de trazer a cena falas sobre Anica, os personagens terminam por usarem as palavras no diminutivo, acenando ao propósito de deixá-la como uma pessoa fragilizada, de coitadinha. Fazem uso das termologias não apropriadas e que carregam implícita uma discriminação/preconceito e desvalorização do sujeito. Vejamos que Azevedo; Eisenstein (2017) ressalta algumas dessas termologias,

Aleijado; defeituoso; incapacitado; inválido. Estes termos eram utilizados com frequência até a década de 80. A partir de 1981, por influência do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, começa-se a escrever e falar pela primeira vez a expressão pessoa deficiente. O acréscimo da palavra pessoa, passando o vocábulo deficiente para a função de adjetivo, foi uma grande novidade na época. No início, houve reações de surpresa e espanto diante da palavra pessoa: “Puxa, os deficientes são pessoas!?” Aos poucos, entrou em uso a expressão pessoa portadora de deficiência, frequentemente reduzida para portadores de deficiência. Por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão pessoas com deficiência, que permanece até os dias de hoje. Portanto, atualmente o correto é dizer “pessoa com deficiência” (AZEVEDO; EISENSTEIN, 2017, p. 15)

A fim de corroborar com essa perspectiva, Menezes; Rabelo (2018) ressaltam que

A representação das deficiências física, intelectual e psicológica em obras de ficção, no século XIX, [...] já apresentava personagens que refletiam a visão preconceituosa da sociedade acerca das pessoas deficientes, uma vez que predominava a prática de caracterizar esses indivíduos como verdadeiros “vilões” ou seres dignos de piedade, ou seja, eram postos em dois extremos bastante perigosos, quanto à função que

possam desempenhar na sociedade: o primeiro, um agente de crueldade em potencial e o segundo, um ser humano incapaz de lutar contra as dificuldades da vida, tornando-se, então, vítima das circunstâncias naturais das quais não se tem nenhum controle ou domínio (MENEZES; RABELO 2018, p.04)

Logo, se faz necessário salientar que é comum o uso inadequado desses vocábulos, algumas vezes realmente com o propósito de desprezo e preconceito no sentido de inferiorizar, porém em outras situações também se encontram aqueles que falam sem o conhecimento que ali está dito palavras preconceituosas.

Outro ponto importante da narrativa, que faz um paralelo transportando o leitor para vida real é apresentado no seguinte trecho:

- Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal a qual no lugarzinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sede, o anjo! (LOBATO 1994, p. 104)

Ou seja, nem mesmo a casa não estava acessível, o fragmento nos mostra que Anica apesar de tentar foi impedida de beber água, devido à falta de acessibilidade. E levando para a sociedade real, percebemos que assim como Anica foi barrada por negligência daqueles que deveriam dar assistência, muitos são os deficientes dos quais são tirados todas as possibilidades de crescimento. São escolas mal preparadas, professores sem capacitação ou mesmo especialização, meios de transportes inacessíveis, locais de trabalho que oferecem vagas, mas não boas condições de trabalhos, dificultando a sobrevivência em uma sociedade de disputa e assim como Pedro Suã fica omissos diante da situação de maus tratos da mãe para com a filha, muitos são os indivíduos que presenciam cenas de exclusão, mas nada fazem para contornar a situação.

Embora a personagem Anica apareça sendo um ser fragilizado percebemos que isso permite ao leitor ter mais empatia e vê as mazelas que a sociedade é capaz de submeter às pessoas com deficiência. Mesmo sendo descrita como frágil, vemos uma personagem forte, que leva o leitor ao mundo dela, vivenciando toda sua labuta. Firmando que na vida real tem muitas “Anica”, com sua “Maria Veva”, “Pedro Suã”, mas também encontram muitas “Inácia”.

Com efeito, a personagem dentro da narrativa exerce um papel de denunciar as injustiças que a sociedade a imergem. Deixando o leitor relacionar o escrito com a sociedade, envolvendo o discurso do personagem com a realidade, por assim dizer, deixando implícito

que ali há a fala de vários indivíduos que passam da narrativa e se transforma na fala do sujeito no cotidiano.

5.3 Ouvindo com vitória

O livro “Ouvindo com Vitória” faz parte da coleção “Incluir” da autora maranhense Sharlene Serra. Traz como protagonista Vitória uma criança deficiente auditiva. De modo peculiar se constrói todo o enredo. A narrativa é dirigida a um público específico que é o infantil, fazendo uso de uma linguagem de fácil acesso, o que permite ser compreendida. Vitória, ao longo da narrativa vai mostrando a sua forma de se comunicar com as pessoas. Fica nítido o estilo pedagógico, que procura didatizar as informações linguísticas e percebe-se uma preocupação com as palavras usadas e como são usadas, fazendo assim, um diálogo com o leitor.

Nessa narrativa, além da escrita a autora faz uso da imagem, de forma que uma suplemente a outra e assim alcance o seu público. De modo geral a compreensão da narrativa literária na materialidade linguística está diretamente ligada à forma como a autora consegue persuadir o leitor e usa sua parte alegórica não só com o caráter de facilitar, mas com caráter de informar e educar.

Também não deixamos de perceber que na escolha de alguns vocábulos, a personagem ganha características com propósito de ser engrandecida, como sendo uma recompensa por ser deficiente, como revela este trecho,

[...] menina travessa e brincalhona que estudava bastante e gostava de conversar [...] Vitória é muito esperta [...] Vitória gosta de música e dança direitinho a canção. Mesmo sem ouvi, ela sente a vibração do som que bate forte e a faz dançar, movimentando seu corpinho e a faz escutar de um jeito diferente que vamos aqui falar. Ela é alegre e se faz entender (SERRA, 2018, p. 06-11)

Em outro trecho diz o seguinte,

Eu fiquei impressionada com a rapidez de Vitória fazendo os sinais [...] olhem bem para as mãozinhas e o sinal que faz Leia com atenção [...] (SERRA, 2018, p.18)

Destarte, a autora usa de expressões que advêm da utilização de palavras no diminutivo e não usa da mesma forma quando se dirige a fala para os outros personagens, embora criança. “Impressionada”, ou seja, deixando subtendido que não esperava tal ação da criança.

Assim, “o preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade” (SILVA, 2006. p. 426). Embora este não seja o caso da personagem “Vitória”, Silva (2006) abre nosso olhar para uma nova ótica que possibilita a reflexão sobre as diversas formas que o preconceito pode se apresentar na narrativa, às vezes, de forma mais visível e outras de forma implícita.

Neste trecho faz-se a separação entre aquele que tem e aquele que não tem deficiência, quando diz

Vitória ficará feliz se você tentar e com, a ajuda das mãos, o seu nome falar. É bom aprender que, mesmo surda, nossos amigos podem se comunicar com a gente, e nós podemos expressar nosso carinho para eles (SERRA, 2018, p. 24)

Mas nos apresenta também que as pessoas são iguais dentro de sua pluralidade conforme afirma Menezes; Rabelo (2018),

Destarte, é inegável que uma sociedade é composta pelos mais diversificados seres humanos (seus defeitos e virtudes, habilidades e deficiências, valores e preconceitos), por isso é aceitável alguns personagens e seus respectivos perfis na ficção (poema, conto, romance, novela, teatro), no entanto há que ficar atento á forma como se vai encaminhar os enredos e, sobretudo, caracterizar esses personagens a fim de que não sirvam de pretexto para alimentar e consolidar visões estereotipadas dos (indivíduos com deficiência *grifo nosso*), uma vez que essa prática pode criar um monopólio de visões a favor daqueles que proferem esse discurso e se aproveitam para se consolidarem ainda mais na sociedade em detrimento do silêncio, constrangimento e sofrimento de outros. (MENEZES; RABELO 2018, p.14)

A narrativa constrói dentro de suas possibilidades, uma sensibilização no leitor ao mesmo tempo em que educa mostrando a sociedade uma nova perspectiva de inclusão, na qual todos fazem parte independente de ser um sujeito com deficiência ou não.

6. CONCLUSÃO

Com efeito, a abordagem aqui realizada não teve como propósito, evidentemente, elevar a narrativa literária a um nível de superioridade, todavia, entendemos que as demais esferas têm contribuído para alavancar as reflexões a cerca da pessoa com deficiência, mas reconhecemos aqui a singularidade que a narrativa literária dispõe. Percebemos que as leituras das narrativas são grandes contribuintes para a formação social e pessoal do indivíduo.

Quanto aos personagens, chegamos à reflexão que ao longo das narrativas são criados perfis sustentados por critérios avaliativos advindos do meio social, que não tem como

dissociar a forma como os personagens são colocados com a maneira com que são tratados pela sociedade em suas esferas social e educacional, em alguns casos sendo enfatizada a deficiência, anulando ou deixando em segundo plano as demais características.

Há um envolvimento direto entre o leitor e a obra, ficando nítida a importância que a leitura dessas narrativas agregam para a formação do educando. Os personagens embora fictícios transmitem com lealdade as lutas, mazelas, exclusões, preconceitos, segregações, discriminações, como também, conquistas, superações e os avanços que conseguiram ao longo do tempo.

Acreditamos que a educação inclusiva visa tornar a sociedade mais humana, inclusiva e solidária com cada indivíduo. Nessa perspectiva, o conhecimento precisa estar na vanguarda da ação educativa para não espalhar estigmas e paradigmas existentes por meio de mal-entendidos.

A escola como instituição, deveria fazer o reconhecimento do seu papel ativo e fortalecer os vínculos que possibilita a inclusão desse público. Ativando em seus estudos, planejamentos e atividades a socialização e interação para o desenvolvimento integral de seus alunos, sendo eles com ou sem deficiência. Reforçando desse modo, a ideia de que não é o bastante apenas recebê-los, mas há a necessidade de serem incluídos, ofertando a todos as possibilidades de aprendizagem, ou seja, garantir a integração e inclusão efetiva.

Assim, conclusivamente, as narrativas literárias auxiliam na construção e reconstrução da identidade da pessoa com deficiência, bem como possibilita a sensibilização e “consciência” do leitor\aluno. Dito isso, reconhecemos o valor que a escola como instituição exerce para a inclusão das pessoas com deficiência. Levando as informações para todo o público, numa tentativa de derrubar as barreiras atitudinais e arquitetônicas encontradas na sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Célia de. Violência na escola: compreensão de fenômeno social em João Pessoa-Paraíba-Brasil. **A união**, João Pessoa. 2012.

AZEVEDO, Alda Elizabeth Boehler Iglesias; EISENSTEIN, Evelyn. Atualização sobre Inclusão de Crianças e Adolescentes com Deficiência. **Manual de Orientação Departamento Científico de Adolescência**. n. 3, maio 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 5 de outubro de 1988.

CORRÊA, Camila Bottero. **A inclusão como estratégia de governo: a condução da conduta dos sujeitos normais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2017.

FROHLICH, Raquel. Políticas de inclusão escolar e a constituição de normalidades nos sujeitos com deficiência. In. **Inclusão, diferença e políticas públicas** [recurso eletrônico] / Adriana da Silva Thoma; Betina Hillesheim, Carolina de Freitas Corrêa Siqueira . 1. ed. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2019.

FRÖHLICH, Raquel. **Práticas de apoio à inclusão escolar e a constituição de normalidades diferenciais**. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo, 2018.

GARCIA, Vinícius Gaspar. **As pessoas com deficiência na história do Brasil**. 2011.

JESUS, Sônia Cupertino de. **Inclusão escolar e a educação especial**. set. 2005

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 37ª ed. revisada-São Paulo: brasiliense 1994.

MACHADO, Alcântara: Apólogo brasileiro sem véu de alegoria. **Nova Escola**. 8. ed. 19 de set. 2016.

MAIOR Izabel. **Breve trajetória histórica do movimento das pessoas com deficiência**. S/A

MARIA, Elizângela Idalgo Regallo; VALENTE, Thiago Alves. Literatura Infantil: uma possibilidade de inclusão. In. **Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE**. artigos, Paraná. 2013.

MELO, Gardênia Lúcia Val de; ALMEIDA, Marlúcia Gomes Evaristo; SILVA Mauro Eduardo. **A cidade para todos: o direito à acessibilidade das pessoas com deficiência**. Teresina: SEID, 2009.

MENEZES, Marleno Chaves Menezes; RABELO Lucélia Cardoso Cavalcante. **A Representação e a Deficiência em Clássicos da Literatura Brasileira**. V Congresso Paraense de Educação Especial – Unifesspa / Marabá-Pa. 2018.

OLIVEIRA, Evila Ferreira de; SILVA Lidiane Oliveira; COSTA Ligia Graziela da Silva. Literatura e educação especial. **Journal of Research in Special Educational Needs**. Vol. 16, nov. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: **Feevale**, 2013.

RICHARTZ, Terezinha. A tristeza como subjetividade da ausência no romance “A Porquinha de rabo esticadinho”, de Rubem Alves. **Revista Cerrados v. 27 n. 46 Literatura, Artes e Inclusão Social**. 2018.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; LIMA, Paulo Gomes. A formação de professores e a educação inclusiva: discussão acerca do tema. **Revista Docent Discunt**. v. 1 Unasp. 2020.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999, 174p.

SASSAKI, Romeu. Kasumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SERRA, Shalene. Ouvindo com Vitória. In. **Coleção incluir**. CeNE editora, fortaleza. 2019.

SILVA, Ezequiel Sales. **Nova LDB comentada: atualizada com questões de concurso**. 7ª. ed. São Paulo: Visão Global Editora, 2012.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação** v. 11. n. 33 set./dez. 2006

SILVA, Tarcísio Bruno Santos; SIMPLÍCIO, Micheline Idalga de Brito. **A literatura infantil e contação de histórias: caminhos possíveis para a inclusão**. Disponível em: http://www.200.17.141.110/forumidentidades/.../Tarcisio_Bruno_Santos_Silva.pdf.

SILVEIRA, Rosa Hessel; KIRCHER, Edgar Roberto; KAERCHER, Gládis; et al. Narrando o deficiente nos livros de literatura infantil: interpretação múltiplas. In: **A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras**. 1 ed. São Paulo, 2012.

THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Luciane Bresciani; SIQUEIRA, Carolina de Freitas Corrêa; SANTOS, Isabella Almeida dos. **INCLUSÃO, SUBJETIVAÇÃO E GOVERNO DAS DIFERENÇAS: a constituição de um ethos docente inclusivo na contemporaneidade**. In. **Inclusão, diferença e políticas públicas**. 2019

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.